

INTERVENÇÃO DE CARLOS VEIGA NA V

CONVENÇÃO DO MpD

..... Números de crianças menores de um ano vacinadas completamente é de 85%. O Parque em estruturas de saúde foi de 70%. As crianças com menos de um ano em primeira consulta foram 81%, o número médio de consultas por crianças foi de 6,4, as grávidas vistas em primeiras consultas é de corresponderam a 89% das grávidas e a média de consultas por grávidas foi de 3,1. A mortalidade por tuberculose foi de 7,5 por cem mil ou por dez mil, era de 7,5% por 10 mil e baixou para 4,1 por 10 mil, preciso dizer que Cabo Verde foi um dos 3 países do mundo onde a mortalidade ou morbidade por tuberculose baixou.

O nível de consultas percapita a nível nacional é de 0,9, a razão de médico/habitante é de 1 para 2542, já ultrapassamos as metas do plano, o razão enfermeiro/habitante é de 1 para 1452, também que ultrapassamos as metas do plano.

Dizer também sobre os micro - créditos, são muito importantes para a luta contra a pobreza, que de 95 a 99 foram concedidos mais de 1000 créditos, 1000 micro - créditos num montante global de cerca de 400 mil contos e que a taxa de reembolso desses créditos foi superior a 95%, quando comparamos com o crédito mal parado, nos bancos, Caixa Económica, BCA, etc, etc. Nós vemos que afinal os pobres devolvem, os pobres reembolsam e o micro - crédito é reembolsado.

As associações de desenvolvimento comunitário em Santiago, no Fogo e Santo Antão cobrem já cerca de 4 000 associados e gerem de forma independente recursos da ordem dos 300 mil contos, em actividades de carácter social, de carácter produtivos, que geram empregos, que geram rendimentos e que promovem micro - empresários.

Também as pessoas em Cabo Verde Vêm, não é preciso dizer mas vêm, vêm o quê? Vêm que tem sido feito um esforço de Hércules, um esforço grande, enorme, notável de infra-estruturação do país, sem comparação possível da primeira República. Infra-estruturação económica, infra-estruturação social. Nós vemos que ilhas como Maio, a Boa vista, o Fogo e a Brava, que antes não tinha cais acostáveis, passaram a ter cais acostáveis, ontem inauguramos a segunda fase de cais acostáveis, já não é um pequeno porto, já é um grande porto, para barcos de 5 000 toneladas.

O Porto Grande de São Vicente foi extraordinariamente melhorado, remodelado e ampliado, em quatro anos nós fizemos verdadeiramente cinco portos, não são todos os países em desenvolvimento que podem fazer isso, nós em Cabo Verde em quatro anos fizemos quatro portos, minha gente.

Construímos um cais de pesca na Praia, está aí, está um outro em construção em São Vicente e vamos inaugurar antes do fim do ano, um bom porto de pesca. Construímos instalações de apoio à pesca industrial e artesanal aqui na Praia, no interior de Santiago vamos inaugurar centros técnicos e sociais em Portos Mosquitos, em Achada Ponta, em Pedra Badejo, em Chão Bom, na Ribeira da Barca, instalações de frio na Preguiça, em São Nicolau, no Tarrafal de São Nicolau, em São Vicente, na Brava, no Fogo, São Filipe na Ilha do Fogo que já se encontrava impossibilitado de receber aviões havia mais de 10 anos, não sabia o que era um avião, agora recebe um ATR, pela primeira vez na sua história, recebe um ATR, porque construímos um aeroporto novo.

13

A potência eléctrica instalada aumentou em mais de 70%, a população de energia triplicou, a cobertura eléctrica do país que era de 25% em 1990, aumentou para 60% e nós acreditamos que daqui a mais alguns anos estaremos próximos dos 100%. Há ilhas em que já nos aproximamos disso, mas com um esforço continuado nós chegaremos em todas as ilhas praticamente a todos os pontos de Cabo Verde com cobertura de energia eléctrica. Em cerca de 4 anos o parque telefónico cresceu de 25 mil para mais de 44 mil telefones. O volume e o tráfego internacional aumentou de 14 milhões para 21 milhões de minutos, 14 para 21, mais 7 milhões, a taxa de digitalização, a modernização evoluiu de 63% para 86%, a lista de espera diminuiu em 20%, todos os índices de qualidade de serviço melhoraram nas telecomunicações, as ilhas estão ligadas por fibras óptica e segurizadas por satélites, entre as nossas ilhas temos a possibilidade dessa comunicação da melhor qualidade possível no mundo, mas também Cabo Verde está ligado ao cabo submarino internacional de fibra óptica, Atlantis II, tivemos a oportunidade de inaugurar antes de ontem e fazemos parte dos primeiros 20 países, cobrindo ponto de amarração do cabo internacional chamado, oxigénio.

Construímos infra – estruturas culturais lindas, na Praia, o Palácio de Cultura, o Centro Cultural em São Vicente, o Museu da Tabanca em Santa Catarina, o Centro Cultural de Santa Maria no Sal, estamos a construir Museu de Resistência, no Tarrafal, vamos inaugurar em breve e vamos continuar o que não existiam.

Sítios onde a população, designadamente os jovens têm a possibilidade de se cultivar, onde os homens de produção de cultura têm a possibilidade de se exprimir e de se mostrar a sua arte, da sua cultura.

Construímos dois campos relvados, novos, Praia e São Vicente, e novos campos de futebol, em Santo Antão, em São Nicolau, na Brava e no Sal.

Construímos dezenas de placas desportivas, um pouco por todo o lado, no fundo da Ribeira Principal, do Concelho de São Miguel, em sítio em que não há estradas, nós temos um gimno – desportivo, para que os jovens dessa ribeira pratiquem o desporto, não é pouco, é muitíssimo o esforço que foi feito.

Também isso é dos pontos mais controversos da nossa governação, todos sabem que nós tivemos a coragem de realizar e estamos a levar a cabo, com êxito a reformas económicas. Reformas económicas que são imprescindíveis ao desenvolvimento económico do país e é o objectivo nacional de fazermos inserir as nossas ilhas na economia global. Nessas reformas económicas o destaque vai para as privatizações, vai para a liberalização também dos pontos mais controversos, mas que nós consideramos que são marcas nossas!

Os Cabo-verdianos vêm e sentem que em resultado dessa política económica há um nitido incremento de actividade económica, sobretudo actividade económica privada e principalmente do turismo, na indústria e nos serviços, ninguém pode negar isso. A estagnação em que nós nos encontrávamos em 1990, hoje há uma efervescência, um incremento claro da actividade económica em todas as ilhas. Também é claro que aumenta a cada dia que passa o investimento privado quer nacional, quer externo e em consequência disso há nitidamente também um acréscimo sensível de criação de emprego, pode ser claramente vista em dois índices, o número de empresas, eram duas mil empresas em Cabo Verde, em 1990, hoje são mais de sete mil, cada uma das empresas cria emprego.

Outro índice, o número de segurados que é extremamente elevado, porque quase que triplicou, em poucos anos, em três anos triplicou o número de segurados na Previdência Social.

Em certas ilhas começamos a ter falta de mão de obras, vamos ao Sal, vamos á Boa Vista, começa a sair gentes de Santiago, Santo Antão para ir trabalhar nestas ilhas, porque não há mão de obras. Vamos á São Vicente, precisa-se neste momento de empregadas domésticas

têm-se dificuldades, porque de facto um grande número de jovens, mulheres Cabo-verdianas está a se conseguir empregar-se na indústria e no turismo.

No Tarrafal procura-se homens para os trabalhos das FAIMO e não há, o grosso dos trabalhadores das FAIMO são mulheres neste momento, porque os homens estão a trabalhar nas iniciativas privadas que começam a surgir um pouco por todo o lado, portanto é nitido que há um incremento do emprego.

O mercado hoje é mais aberto, é mais livre, é concorrencial e regular, está bem abastecido em quantidade, em qualidade, diversidade e a preço estáveis.

Nós passamos em termos de taxa de inflação e cerca de 10% em 1990, para 0,3%, no mês de Maio que passou, 0,3% no mês de Maio que passou, é obra minha gente! Porque não são todos os países que têm essa taxa de inflação, não são todos os países em desenvolvimento e muitos países desenvolvidos não têm essa taxa de inflação. E como eu disse ontem, a inflação é um imposto escondido, que todos nós acabamos por pagar.

O escudo Cabo-verdiano estabilizou-se e hoje é conversível, o país é economicamente estável, eu rio, quando oiço dizer crise económica, onde está a crise económica? Crise social, onde está a crise social? Onde estão as grandes conversões sociais? As grandes guerras sociais, onde estão elas?

O país é estável, economicamente e socialmente, temos dificuldades sim, temos problemas sim, quem não os têm? São problemas próprio do país, próprio do subdesenvolvimento em que nós nos encontramos, mas estamos a avançar, minha gente!

As exportações avançaram, quase dez vezes, quase dez vezes aumentaram as exportações em dez anos, agricultura de regadio, passamos trinta anos de seca, não obstante nos últimos dez anos a agricultura de regadio cresceu, cresceu em área, cresceu em produtividade, estudos independente da FAO dizem que neste momento **numa exploração média em Cabo Verde um agricultor pode ter um rendimento mensal de cem contos**, Porque introduziu-se a micro-irrigação, introduziram-se plantas produzidas em filtro, introduziram-se novas espécies de sementes e isso aumentou a produtividade da agricultura, a tal ponto que hoje a iniciativa privada começa a interessar-se pela agricultura, começa a interessar-se pela fruticultura, pela viticultura, pela cafeicultura, vão á Chã das Caldeiras ver isso!

Vão á Chã das Caldeiras ver a produzir, fruta a produzir vinho, de boa qualidade, vão ao Porto Novo ver a produzir produto pecuária, estamos a começar a produzir na agricultura. Estamos a começar a produzir na agricultura e nos sectores ligados a agricultura, e os dados estatísticos confirmam isso, tive a preocupação de mostrar o que a gente sente, para se desmentir, para nos desmentir é isso que a gente está a dizer, para depois dizer que os números confirmam isso.

De facto toda a evolução de estatística nos mostrar que a economia Cabo-verdiana está a recuperar após a recepção de 1990, 1998/89/90 o país estava em recepção. Foi a partir de 91, 92 mais precisamente, que a economia começou a crescer, a taxas de 3%, 7%, 7,2%, 7,8% entre 92/95; 5% - 96, 97, e 98 - 8% em 99, espera-se 8% também para 2000. É o resultado de um aumento do contributo da procura interna e sobretudo é o resultado da iniciativa privada em áreas como o turismo e a indústria e essa é que a novidade. De facto o modelo da economia Cabo-verdiana está a mudar, porque em vez dos factores determinantes serem o investimento público começam a ser investimento privados, quer dizer que a nossa economia está a ganhar base, está a ganhar sustentação que não tinha.

15

O investimento externo, como eu disse, as empresas cresceram de dois mil em 91 para sete mil em 99, há mais de 60 empreendimentos com investimento externo, investimento da ordem de mais duzentos e cinquenta milhões de dólares nesses poucos anos, de abertura de investimentos externos que giraram mais de quatro mil novos empregos directos e permanentes, as exportações, como disse multiplicaram por dez e como eu disse é iniciativa privada que na realidade contribuiu para isso. A inflação como eu disse situava-se em 10% em 90, hoje está 0,3 apesar do continuo crescimento da população o desemprego estabilizou e as próprias taxas do observatório do emprego que às vezes a oposição utiliza para dizer que o desemprego utiliza para dizer que o desemprego está a crescer, agora mostra que o desemprego está a baixar a tal ponto que no último trimestre baixou tanto em S. Vicente que nós não acreditamos e mandamos a repetir, não divulgamos ainda porque mandamos a repetir, mas de facto é claro que começam a dar resultado no emprego, começam a ter impacto no emprego, as políticas económicas que nós adoptamos nesses dez anos. Santiago vem mantendo há vários anos uma taxa de desemprego a baixo dos 23%, o Sal tem uma taxa de desemprego ainda mais baixo, São Vicente e Fogo estavam reticentes em baixar, começam efectivamente a baixar, quer dizer apesar do crescimento da população, apesar da seca, apesar de facto de não haver imigração o emprego aumentou, a taxa de desemprego estabilizou nos 25%, baixou, em fins de 99 estava a baixo dos 25%, acreditamos que agora esteja de facto ainda mais abaixo do que em fins de 99.

Mas vale a pena nós falarmos um pouco mais das privatizações, estão na ordem do dia, disse ontem ainda na rádio que quando as investigações da Procuradoria Geral acabar vou ter muito que justificar, eu digo, estou á vontade! Não vou ter nada que justificar porque tudo está justificado, porque na realidade tudo é claro, para quem esteja de boa fé e que queira ver as coisas, portanto nós estamos absolutamente tranquilos, as privatizações foram e estão a ser com sucessos.

Nós tínhamos alguns objectivos fundamentais nas privatizações, primeiro melhorar a eficiência das empresas e a qualidade de oferta de bens e serviços, segundo desenvolver o sector privado e aumentar o investimento privado, terceiro promover a competitividade da economia, quarto reduzir o déficite orçamental e fiscal. Cumprimos ou não esses objectivos? Vamos ver!

Primeira fase das privatizações 92/97, tínhamos quarenta e três empresas em 91 e em 97 depois do processo passamos a ter vinte e sete, quer dizer, liquidamos ou privatizamos 16 empresas. As quarenta e três empresas de 91 tinham um volume de venda de treze milhões contos, as vinte e sete empresas de 97 passaram a ter um volume de vendas de vinte e três milhões de contos, subiram dez milhões de contos, quase o dobro, o número dos trabalhadores era de seis mil baixou para cinco mil, a situação líquida das quarenta e três empresas públicas de 1991 era negativa em 11 milhões de contos, ou seja as empresas do

sector empresarial do Estado deviam ao Estado e à banca 11 milhões de contos, em 97 passaram a ser credoras de 12 milhões e 500 mil contos.

Os resultados dos impostos, em 91 era um déficite, era um prejuizo de 600 mil contos, em 97 passaram a ser um lucro de 600 mil contos, ou seja de facto nós podemos dizer que de facto é inquestionável que com as privatizações a eficiência do sector empresarial do Estado melhorou, e de que maneira, é claro também que com as privatizações o Estado deixou de subsidiar as empresas deficitárias, e antes pelo contrário passou a ter lucros para tributar como imposto, reduziu o seu déficite orçamental e fiscal, passou a receber dividendos, passou a receber ainda através da tributação dos resultados das empresas que passaram a ter com que ser tributados.

16

Por outro lado as privatizações deram origem a trinta e nove empresas privadas novas, nós extinguimos ou privatizamos 16 e em contra partida criaram-se trinta e nove novas empresas privadas, o eu se quer dizer que se favoreceu o desenvolvimento do sector privado. Em termos do impacto/emprego, criou-se o cliché de que a privatizações significa desemprego, nada mais falso, no processo privatização da primeira fase, perderam-se de facto 498 posto de trabalho, os trabalhadores foram indemnizados largamente, generosamente, mas em contra partida foram criados 629 empregos, ou seja as privatizações aumentaram o emprego, que contestam esses dados com outros dados se tiveram e que justifiquem, porque nós temos esses dados.

A Segunda fase do processo de privatizações tem em vista acelerar o processo de privatizações e fazer a regulação institucionais, abranger empresas, como Cabo – Verde Telecom., a Enacol, a Electra e muito recentemente o sector financeiro, logo por ai há um grande alargamento do sector privado, mas se virmos em termos de resultado e se excluirmos para já o sector financeiro que só foi privatizado há pouco tempo, nós podemos ver que nas privatizações das outras empresas ganhamos sempre, ganhamos porque é público e notório que houve uma melhoria significativa da qualidade e dos serviços prestados, quer nas telecomunicações, quer na energia, quer nos combustíveis, não há dúvidas nenhuma, de que a eficiência melhorou, de que os serviços prestados melhoraram. Não há dúvidas nenhum de que em qualquer desses sectores foi feito um grande investimentos privado, o Estado não teria recursos para fazer esses investimentos nas telecomunicações, na energia e nos combustíveis, recordemos como é que a gente estava na Praia em termos de energia eléctrica em fins do ano passado e vejamos a situação em que hoje temos e vamos continuar a Ter em breve.

É precisos dizer também que em todas as privatizações o encaixe financeiro do Estado, foi grande e foi sempre superior á avaliação das empresas avaliação essa feita sempre por entidades idóneas internacionais e escolhidas por concurso internacional.

Em termos de emprego é preciso dizer que nessa Segunda fase dos mais dos quatro mil trabalhadores actualmente existente só 16% serão considerados excedentários, e esses 16% poderão perfeitamente ser absorvidos pelo mercado através de novas empresas que surgem ou que irão surgir, portanto nós não temos dúvida de que nenhum impacto significativo no emprego ou desemprego irão na Segunda fase das privatizações.

Falando agora do emprego, nós dizemos que o pleno emprego não deve ser uma miragem, o pleno emprego deve ser uma exigência, deve ser um objectivo, deve ser uma meta de Cabo Verde, uma meta de longo prazo, é verdade, um objectivo de longo prazo, é verdade, mas o pleno emprego nós temos que ir atrás dele, nós temos que conseguir e vamos conseguir chegar ao pleno emprego no longo prazo, até lá vamos ter continuar a trabalhar para reduzirmos cada vez mais o desemprego, sabemos que o desemprego, sabemos que o desemprego tem causas profundas, essas causas são por um lado um crescimento da população superior aquilo que é desejado, mas por um lado aquilo que é desejável, mas por um lado uma limitação grande dos nossos próprios recursos no sector primário e noutros sectores. A pequenez do nosso mercado que faz com os impactos de quaisquer políticas activas do emprego não seja tão grande.

Também para nós é claro que o desemprego só pode ser combatido com o encrimento da actividade económica e com a criação de empregos, sem a actividade económica, sem empresas não se reduz o desemprego, não tenhamos ilusão a esse respeito. Sem produzimos para exportar não teremos redução do desemprego porque o nosso mercado interno é muito pequeno, é muito reduzido.

A politica seguida, e é precisos termos muito bem claro isso, a politica seguida até 1999 agravou o desemprego, nos dez anos, de 80 a 90 o desemprego agravou-se em Cabo Verde,

passou-se 22% para 38% e o relatório das autoridades dessa altura dizia-se expressamente isso, diziam que tendo em conta o crescimento da população e as perspectivas macro-económicas que ia haver, uma diminuição do ritmo de empregos nas zonas urbanas e concluíam que em 1995 haveria uma taxa de desemprego em Cabo Verde de 40%.

Sabemos que não aconteceu, sabemos que em 1995^a taxa de desemprego não estava nos 40%, nem de perto, nem de longe. Isso porque as políticas que nós adoptamos de facto era correcto, nós fizemos com que o emprego aumentasse e refiro aqui o que eu disse há pouco o número de segurados que é um índice muito usado, passamos em três anos, 1996/98 de 16 mil para 23 mil segurados e na maior parte das ilhas, sobretudo em São Vicente e isso explica a descida do desemprego o número de segurados triplicou.

Nós temos ouvido actualmente falar-se muito do desenvolvimento social e solidariedade, toda a gente é a favor de desenvolvimento social e solidariedade, há partidos de solidariedade, há solidariedade como sensibilidades, toda a gente ataca o Governo, diz que este Governo não tem sensibilidade social, somos ultra – liberais, nós dizemos aqui a essa gente que classificamos aqui de neo – estatizadores assistencialistas.

Suporta 83% das bolsas de estudos, o esforço financeiro que se faz não tem comparação a possível. Um consultor externo na União Europeia que esteve aqui a fazer a avaliação das despesas públicas na área de saúde, escreveu o seguinte; O esforço em material social é inegável no que respeita à saúde. E qual é a prova que ele dá!? Ele diz, a prova é que no Orçamento do Estado em média nos últimos três anos, 9% do Orçamento vai para a saúde, enquanto que nos países em desenvolvimento a média é abaixo dos 8%, quer dizer, nós gastamos com a saúde quase o dobro daquilo que em regra, em média os países em desenvolvimento gastam com a saúde, gastamos em termos que se aproximam claramente dos países desenvolvidos. Portanto, também na saúde nós estamos a fazer um esforço enorme de política social.

E ele diz, há um outro indicador, ele diz que no mesmo período de 3 anos a média do crescimento anual do orçamento da saúde é largamente superior à média do crescimento anual do orçamento do Estado, portanto a saúde cresceu mais do que o conjunto das despesas do país.

Nós, e mais, nessas despesas com a saúde, as despesas com o pessoal, com evacuações e com medicamentos, correspondem a 75%, quer dizer, o grosso daquilo que gastamos na saúde é com as pessoas, é com a melhoria das condições de vida das pessoas, é com o tratamento das pessoas, é com a criação de condições para prestação de um bom serviço de saúde.

A verba destinada a medicamentos triplicou, em três anos apenas triplicou, nós em 99 gastamos mais de 200 mil contos só em medicamentos. O que quer dizer o seguinte, nós invertemos a tendência para o decréscimo das despesas sociais que se verificavam nos últimos anos do regime anterior, mas as despesas sociais constituíram e constituem na governação do MpD a maior fatia das despesas de investimento do Orçamento do Estado, mais do que na área económica, mais do que em todas as outras áreas, é na área social que nós gastamos a maior fatia do Orçamento do Investimento do Estado, a consciência social do desenvolvimento traduzida nessa reorientação das despesas sociais, é a mais forte impressão digital e identificadora da governação do MpD, quer dizer, isso não pode ser apagado, é uma impressão digital do MpD. Que não pode ser apagado, porque é inegável, a realidade impõe-se à toda a gente. Essa é a consciência social expressa na preocupação e no esforço que temos feito para na educação, na saúde, na habitação, no acesso água, no saneamento, na energia rural, nas comunicações rurais, na informação e cultura, mas também na protecção social que damos aos trabalhadores das FAIMO, da segurança social mínima.

Expressa-se também no facto de termos adoptados um conceito novo alargando o conceito de necessidades básicas fundamentais. Expressa-se no programa de luta contra pobreza, nos programas de urgência e de emergência que fazemos todas as vezes que a seca para acudir aos as populações das zonas rurais. Expressa-se no esforço micro – crédito, e no esforço de desenvolvimento comunitário de promoções das associações de desenvolvimento comunitário, expressa-se na actualização anual de salários, não é em todos os países que se faz a actualização anual do salário, não é em todos os países que se faz a evacuação de doentes, Cabo Verde é dos pouquíssimos países no mundo que evacua os seus doentes.

Agora, nós não confundimos desenvolvimento social com assistencialismo puro. Nos programas que temos na luta contra pobreza distanciam-se dessa perspectiva assistencialista, inspiram-se num princípio de solidariedade activa, que envolve a comunidade no seu todo e o próprio beneficiário, nós queremos com os programas de luta contra pobreza integrar as pessoas, dar-lhe os meios necessários para serem auto-suficiente, para não depender do Estado, estimular a auto - estima dos vulneráveis, levá-los a envolver – se mais activamente na resolução dos seus próprios problemas, a nossa opção, nós reconhecemos que o Estado tem que intervir, continua a ter um papel essencial para acudir a populações em grave vulnerabilidade de risco, porque a mudança de atitudes não se faz de um dia para o outro, ela leva tempo e sobretudo depende muito da educação, da formação e de todo o trabalho de informação que é necessário fazer.

O relatório refere ainda outras coisas, feitas pela governação do MpD, primeiro do poder local, não vou falar muito do poder local, poder local é uma criação do MpD, nós devemos estar orgulhosos dos resultados que conseguimos, que o poder local conseguiu até hoje em Cabo Verde, nunca os Municipios tiveram tanto poder, tanto campo de acção, tanta autonomia, tantos recursos á sua disposição, mas também participaram activamente no desenvolvimento de Cabo Verde e nós, MpD, devíamos estar orgulhosos que essa criação a nossa esteja a ser um sucesso, com problemas, é certo, todos temos problemas, mas de facto com condições para fazer avançar o país.

Dotamos também de uma constituição na governação do MpD, uma constituição boa, moderna, revista e melhorada recentemente, dotamos o país de novos símbolos nacionais, mais consentâneos com a democracia pluralista, as nossas instituições democráticas funcionam normalmente, o país manteve uma estabilidade assinalável, quer do ponto de vista politico, económica e social.

E era bom dizer o seguinte, como eu disse ontem, que normalmente as experiências de liberalização económica percebem as experiências de liberalização politica, nós fizemos o contrário, fizemos a liberalização politica, estamos a fazer a liberalização económica depois ou ao mesmo tempo que a liberalização politica, isso tem o seu custo, tem os seus problemas, que nós devemos aceitar, como tais combater, tentar vencer, mas não devemos estranhar que eles existem. É assim, em outros países que conosco comungam da mesma situação, não são muito, mas foi assim nos países de Leste Europeu, nós países do ex União Soviética e é assim, por exemplo em São Tomé, mais próximos de nós com a situação semelhante a nós.

Mas também sabe-se em todo o mundo que as transições politicas são acompanhados de algumas turbulências, de algumas instabilidade, eu dou o exemplo de facto de Portugal e da França, que tiveram num espaço de dez anos a seguir ás suas revoluções e as suas transições democráticas tiveram um grande número de Governos uma grande instabilidade politica, nós estamos a conseguir com menos instabilidade politica, com menos turbulência, com uma instabilidade assinalável, com problemas, é certo, mas com algumas estabilidade.

Portanto, diria que estamos de facto envolvidos numa aventura extraordinária, temos que ter a consciência disso, o que fizemos nesses dez anos foi uma aventura extraordinária, foi algo de assinalável, de notável, de extraordinária, não sobrevalorizemos os problemas, porque temos motivos para valorizar os resultados positivos, não esqueçamos os problemas, que eles existem, não estamos de facto em nenhum paraíso, temos graves dificuldades, mas não desvalorizemos aquilo que conseguimos até agora, não desvalorizemos os bons resultados que conseguimos, tenhamos orgulho, quando Bill Clinton nos diz que somos um farol, quando Guterres nos diz que somos um oásis, quando o ex Embaixador dos Estados Unidos em Cabo Verde diz que em vinte e quatro anos de diplomacia este é o país em desenvolvimento melhor governado que ele viu, é um país que não tem corrupção, que sabe aquilo que quer, quem tem uma estratégia e que põe em prática! Devemos Ter orgulho disso, devemos ter orgulho quando na Assembleia Geral das Nações Unidas parceiros nossos, como o Luxemburgo, como a Suíça, a Suécia, a Holanda, apontam Cabo Verde como exemplo de cooperação, como boa utilização dos recursos, do esforços sério para o desenvolvimento, devemos ter orgulho nisso, porque é gente que não precisa de nos dar manteiga, que não tem nenhum interesse especial em Cabo Verde, que nos está a ajudar, que é apenas solidária connosco, mas que quer ver o seu dinheiro bem empregue, o dinheiro dos seus contribuintes bem empregue, e que vê em Cabo Verde, nós devemos também ter orgulho quando Nhã Nácia Gomi diz que numa entrevista, publicado no jornal Horizonte, assim claramente, a melhor coisa que me aconteceu nos setenta anos da minha vida foi a vinda do MpD, devemos Ter orgulho nisso, porque é verdade, porque é a voz do povo, que está a dizê-lo, é uma pessoa que com a sua sabedoria popular que está a dizer. Porquê? Porque nós somos a referência da liberdade, somos a referência do trabalho para as pessoas, somos a referência de um esforço para que os Cabo-verdianos vivam melhor, devemos Ter orgulho nessa situação.

Evidente que para estes resultados não podem ser assumidos só por uma pessoa, A, B ou C, por um grupo de pessoas, A, B ou C, no MpD, ou onde quer que seja, para o resultado positivo da governação contribuíram todos os elementos do sistema MpD, foi um trabalho colectivo, envolveu o partido, sobretudo envolveu aqueles que se sentem verdadeiramente militantes do MpD, envolveu o Grupo Parlamentar, envolveu o Governo, envolveu as autarquias locais.

Nós vamos deixar o partido um pouco de lado, os seus militantes, falaremos disso daqui a pouco, e vamos falar um pouco dos elementos do sistema que estão no Estado, começaremos pelo Grupo Parlamentar.

Para dizer que, na minha forma de ver as coisas o Grupo Parlamentar do MpD constituiu-se ao mesmo tempo num importante fórum de debate político e num sólido pilar de sustentação e de governação do MpD.

Jornadas Parlamentares do MpD foram muito importantes, porque nessas jornadas discutiu-se com total abertura e frontalidade, com espírito crítico, com ardor e com proeza, eu diria até com dureza em muito momentos, com ampla participação de todos os Deputados, com o encontro conjunto de Deputados e Membros do Governo, a discutiram, a dialogarem, muitas vezes a brigarem uns com os outros, foi possível de facto nós fazermos debates sobre as questões mais importantes da vida do país, as acções e as actividades do Governo foram fiscalizadas, muitas vezes ao pormenor, foram expressos, os anseios e as necessidades das populações dos diversos círculos eleitorais, e aí fizemos um exercício extremamente importante de concensualizar-se as nossas posições, na maior parte das vezes, as propostas que lá chegavam não eram as que saíam, as propostas que saíam de lá eram propostas consensuais, em que concessões de um lado, concessões do outro, em que contribuições de um lado, contribuições do outro enriqueciam a proposta e ela chegava ao plenário como uma proposta consensual assumida pelo conjunto dos deputados, traduzindo a visão do conjunto do sistema MpD.

120

Isso permitiu que de facto o grupo enfrentasse e vencesse bem a generalidade dos combates políticos que teve que travar nesse fórum.

Ao contrário do que se diz, o grupo parlamentar nunca foi correia de transmissão nem do Governo, nem do Partido.

Os Deputados assumiram com autonomia e responsabilidades dos seus poderes, o seu mandato, as suas obrigações, assumiram as suas posições que entenderem ser as melhores para o MpD, tomaram várias iniciativas legislativas e outras, o Governo encontrou no Grupo um parceiro crítico, vivo e às vezes feroz, mas um parceiro sempre seguro, firme e sólido que com as suas críticas, as suas observações, as suas posições, ajudou o Governo a governar melhor o país e a gerir melhor o país.

Quero dizer também que, apesar de no seio do Grupo Parlamentar, se terem feito sentir os reflexos dos problemas e da divisão internas do MpD, do Partido e que isso prejudicou em certas ocasiões o desempenho do Grupo Parlamentar, ele manteve-se coeso e assegurou as maiorias necessárias a aprovação de todas as iniciativas da governação do MpD, mesmo para as quais eram exigidas a maioria qualificada.

Actualmente e ao contrário do que temos ouvido e visto na comunicação social, o Grupo continua a assegurar a maioria absoluta ao MpD no Parlamento e continua a assegurar tranquilamente, a governação até ao fim do mandato, se os outros pensam que não, que experimentem, que apresentem uma Moção de Censura para verem que resultado terão!!!!

Eu considero que globalmente o desempenho do Grupo Parlamentar foi bom, embora mais à frente eu tenho algumas considerações a fazer em relação ao Grupo e em relação aos outros elementos do sistema.

É difícil para mim falar do Governo, mas eu corro esse risco, procurando ser o mais objectivo possível, diria que o Governo, nesta legislatura se mostrou de um modo geral coeso e determinado, foi corajoso a tomar um conjunto de medidas, foi dedicado e combatido, quer dizer que às vezes, algumas referências aos membros do Governo não são justas, porque as pessoas que estão no Governo, todas elas são de uma dedicação exemplar, todas elas são de uma assunção plena dos objectivos, das políticas e dos programas do MpD.

Governar este país não é fácil, governar este país não é um passeio, pelo contrário, é uma coisa extremamente desgastante, às vezes muito dolorosa.

Mas de todo o modo penso que o Governo de facto foi combativo e dedicado, teve espírito de iniciativa, teve boa capacidade de realização, eu penso que foi razoavelmente eficiente, embora não deixando de revelar, sobretudo nesta ponta final as marcas de uma actividade que foi intensa e ao extremo desgastante física e psicologicamente.

Considero que em regra o Governo geriu bem e responsabilmente os assuntos públicos com os recursos escassos à sua disposição, isso é o maior problema e o maior dificuldade, preciso governar, realizar, satisfazer tudo e todos com pouco dinheiro, com às vezes sem nenhum dinheiro! E essa é a maior dificuldade, é a maior angústia, é a falta do sono, que na maior parte dos casos a gente tem, como encontrarmos recursos para fazer aquilo que sabemos que é necessário ser feito, que é preciso ser feito e aquilo que desejaríamos de fazer!

Creio também que basicamente e globalmente o balanço da governação é positivo, o que eu disse atrás em grande medida deve-se à actividade do Governo, creio também que a sua performance no Parlamento foi boa, julgo poder dizer, como tenho dito várias vezes que quando nós conseguimos o contraditório, ganhamos sempre, quando conseguimos, quando

conseguimos responder, estar presentes para responder aos nossos adversários ganhamos sempre porque temos razão, porque estamos no caminho certo!

Nem sempre a coordenação, a comunicação, e a solidariedade inter - governamental funcionaram como é desejável e não deixa de ser certo também que a crise interna do MpD, do partido também se fez sentir com algum impacto no Governo, no entanto nós tomamos as medidas que se impunham de reestruturação e da remodelação, julgo que essas medidas ajudaram a recuperar a normalidade do funcionamento, o Governo está coeso, correram por aí boatos, há três dias de que quatros ou cinco membros do Governo, Ministro da Defesa, Ministra do Turismo, Transportes e Mar, Ministro de finanças, Ministro de Educação, tinham pedido a demissão. “Coitado do Ministro de Educação está lá para São Tomé”. E que eu não tinha aceite, é mentira! É desinformação da policia politica, como fizeram no periodo eleitoral e pré-eleitoral, continuam com essa desinformação e eu digo aos militantes do MpD, partam do principio que é falso, não partem do principio que é verdade, para perguntarem se é ou não! Partem do principio que é falso, porque é evidente que isso não aconteceu, estão eles todos ai, perguntam-lhes se quiserem!

Também é bom dizer que as sondagens que fizemos há pouco tempo, após as eleições autárquicas, em Abril e Maio, dizem que a avaliação que a população faz do desempenho do Governo desde que tomou posse é uma avaliação positiva, 59% da população considera que o desempenho do Governo é positivo, só 30% acham que não é positivo, 11% estão indecisos. Trata-se de sondagens feitas pela Euro – expansão, como sabem é a empresa Portuguesa que tem feito sempre as nossas sondagens e que acertou sempre, no bem e no mal, acertou sempre.

As sondagens também nos dizem que há áreas onde a acção do Governo é mais apreciada, são as áreas da educação, da saúde, da energia e do apoio social, aquelas que não é mais apreciada não digo, porque a comunicação social está aqui e a gente não dá o ouro ao bandido, ficamos com estas áreas.

(Palmas da assistência)

A expressão é do Tony Leite que eu utilizei, as autarquias geridas pelo MpD no decurso da década, também revelaram uma grande capacidade de realização, é impressionante, andar por esses concelhos afora e ver o que nesses concelhos foram feitos nesses municipios sob a gestão do MpD, em todas as áreas, em praticamente todos os povoados, há marcas da acção das nossas autarquias, foram autarquias que sobretudo no primeiro mandato estiveram muito ligadas, estreitamente ligadas ás populações, seus anseios, necessidades e interesses, todos os concelhos de Ribeira Grande e Porto Novo, de S. Nicolau, da Brava, dos Concelhos da ilha de Santiago, é impressionante, de facto a contribuição dos nossos municipios para o desenvolvimento das ilhas.

Todavia é preciso referir que nem sempre houve harmonia, colaboração e solidariedade no relacionamento entre os órgãos municipais e dentro de cada órgão municipal colegial. Muitos conflitos, Câmaras/Assembleias Municipais, muitos conflitos dentro das Assembleias Municipais, dentro das Câmaras Municipais. As Assembleias Municipais e as colegialidades não foram muito valorizadas, o que também prejudicou o desempenho global do sistema, mas nós devemos analisar também, à luz da experiência que nós tivemos se o figurino institucional actual é o mais adequada, devemos debater isso na próxima legislatura, penso que vale a pena, como um debate sobre o sistema no seu conjunto, aliás esse debate já começou, mas penso que deve prosseguir com serenidade nessa altura.

O resultado das eleições autárquicas recentes, em alguns municipios revelaram um grau de descontentamento muito severo da população em relação à gestão do MpD em certos

Municípios, devemos procurar as causas desse juízo de descontentamento severo, devemos analisar profunda e serenamente essas causas para tirarmos daí as conclusões.

Ainda nessa avaliação penso que independentemente da performance que foi conseguida, se calhar o mais importante do que essa performance é preciso pôr em destaque algumas coisas negativas que nós devemos ter em consideração. Todos os elementos do sistema, é preciso dizermos claro, o Grupo Parlamentar, o Governo, as autarquias falharam na comunicação com a sociedade, não comunicaram suficientemente com a sociedade, não souberam lidar com a comunicação social, que em grande parte é contra nós, mas nós não soubemos lidar com ela. Relacionaram com a sociedade menos estritamente, menos intensamente do que deveriam, Deputados, Governantes e Autarcas, não souberam dar a conhecer á sociedade as suas realizações e pontos de vista, não fizeram o combate político de terreno e omitiram por vezes respostas políticas. Não contactaram população tão frequentemente como fizemos no primeiro mandato e como se tornou uma marca da governação de Cabo Verde.

Nós conseguimos sempre torneir, mesmo a comunicação social quando ela em 90 era totalmente contra nós, em 95 também ela era grande parte contra nós, conseguimos sempre dar a volta, porque fomos directamente ás populações, desta vez, nesse segundo mandato talvez não fomos tanto como deveríamos. O diálogo com a juventude foi muito reduzido, no meu ponto de vista, e foi defensivo, a juventude quer é participar, quer ter a possibilidade de se poder afirmar, de se exprimir á sua própria maneira, aí muitas vezes nós estivemos na defensiva.

A relação com as organizações da sociedade civil e em particular com os Sindicatos, as associações empresariais, as associações de desenvolvimento comunitário foi frouxa, muito frouxa, deveria ser mais intensa, foi por vezes pouco interessada, quando não foi tensa, conflitante, ou até muitas vezes, porque não dizê-lo com toda a franqueza arrogante!

Passaria agora a falar do Partido: dizer que esses três anos, desde a última Convenção, foram três anos conturbados, e perturbados, pela luta pela liderança. Esta perturbação e conturbação teve várias fases! Eu quero dizer-vos que em 1997, que eu concorri á presidência do MpD porque não apareceu ninguém! Esperei quase que uma semana antes, ou quinze dias antes da convenção não aparecia ninguém, não aparecia nenhuma Moção de Estratégia, desloquei para São Jorge e escrevi a Moção de Estratégia e concorri, mas de facto logo nessa altura, porque estamos a falar muito claro, algumas pessoas pelo menos não ficaram satisfeitas porque eu não fiz a lista por ordem da presidência política, não designei os meus delfins, preferi a ordem alfabética, como eu não estava para concorrer e só o fiz para tapar uma lacuna, deixei o campo aberto em 1997 para que aqueles que estivessem interessados avançassem dentro do partido e trabalhassem dentro do partido e se mostrassem dentro do partido, não o fizeram, 97 tivemos um ano de completo laxismo e paralisação.

Em princípios de 1998, fizemos reunião de todos os órgãos nacionais do MpD, fizemos a Comissão Permanente, fizemos a Comissão Política, fizemos a Direcção Nacional, em todas elas fizemos um diagnóstico, nu e cru do que se estava a passar no do MpD, fizemos na Comissão Permanente, repetimos na Comissão Política e fizemos na Comissão Nacional. Há acta dessas reuniões, há actas de que alguns dos que hoje saíram do MpD que tem acta e que vão apresentar, eu disse que apresentam e quando vocês apresentarem o Presidente do MpD subirá, porque saberá que de facto fez um diagnóstico bruto da realidade do MpD e na sequência desses diagnóstico nós fizemos propostas porque criamos sete grupos de trabalhos, e o diagnóstico era claro, estávamos a falhar na comunicação, a nossa organização estava frágil, era preciso começara a preparar as autárquicas, era preciso começar a preparar a revisão constitucional, era preciso começar a preparar constitucional, era preciso começar a preparar a nossa estratégia de relação externas, era preciso encontrarmos fontes de

financiamento externo para o MpD, criamos sete grupos de trabalhos para isso, com prazos, no fim desses prazos! Que trabalho foi realizado? Pouco ou quase nada! Uma proposta de revisão constitucional do Dr. Mário Silva, uma proposta de medidas de carácter financeiro ...a dificuldade de fazermos passar as nossas mensagens através da comunicação social, embora sejamos bons no contacto directo, quando o fizemos, a dificuldade de lidar com a comunicação social é também um déficit.

Penso que como partido demos pouca atenção á actividade e ao desempenho das nossas autarquias e das autarquias autarquias no geral, mesmo onde somos oposição, fazemos jornadas parlamentares aqui no Grupo Parlamentar, não fazemos jornadas parlamentares nos grupos de representante das assembleias municipais, devíamos faze-lo, o efeito positivo das jornadas parlamentares a nível do parlamento também pode ser obtido nas jornadas de representantes do MpD a nível das Assembleia Municipais e com os vereadores e os Presidentes de Câmaras, onde sejamos poder.

Eu penso que nós não demos suficiente interesse ás assembleias municipais, que devemos dar. Tivemos, como eu disse pouco relacionamento insuficiente com a juventude, tivemos um insuficiente relacionamento com a sociedade, com as comunidades, com as organizações não governamentais, sindicatos, associações empresariais, associações de desenvolvimento comunitária, isso não é específico ás autarquias, também ao nível central não fizemos isso, como partido, devíamos fazer isso.

A combatividade á militância reduziram-se, diminuíram-se, a presença no terreno que é o nosso ponto forte, baixou significativamente, portanto tem que ser recuperado rapidamente. Temos uma excessiva dependência, há uma excessiva dependência psicológica, das nossas estruturas em relação ás estruturas centrais, em relação á administração, em relação ás autarquias, devemos fazer nós mesmo as coisas, devemos tomar as nossas posições, se elas tiveram que ser posições contra uma autarquia que é nossa, ou contra um acto do Governo, o partido deve ter autonomia suficiente para o fazer, se entendeu que de facto os interesses do partido estão em causa deve ter possibilidade de o fazer.

A solidariedade interna e a disciplina interna foram muita fracas, isso advém da natureza do próprio MpD, mas também das circunstâncias de quando as coisas ultrapassaram certas marcas nalguns termos tomados a medidas adequadas.

Temos uma ausência da retaguarda, estamos todos na linha de frente, olhamos para trás não temos ninguém que nos guarda as costas, não temos ninguém que faça o trabalho de bastidores, trabalho da retaguarda, de suporte á actividade da linha de frente, no MpD precisamos de ter isso.

Temos um déficit nas relações externas, nós não estamos integrados em nenhuma família internacional, por opção própria, porque entendemos que esta questão nos dividia demais, se calhar é oportunidade e é indispensável que avancemos rapidamente nessa linha e ter relações com países, com outros países, com as nossas comunidades no exterior, com estruturas do MpD que estão nessas comunidades.

Além de tudo é negativo, eu penso que como positivo o MpD tem a boa performance da sua governação, o facto de ser uma referência da liberdade, o facto de ter uma base de militantes convictos, não motivados por interesses pessoais e de militantes dedicados, isso é uma força extraordinária do MpD , o facto de Ter dirigentes também dedicados e competentes, teremos é que fazer a sua repartição, mais justa e mais equilibrada entre os diversos elementos do sistema MpD, se calhar há um desequilíbrio e neste desequilíbrio o partido está a perder, se

calhar temos que fazer isso, temos uma grande capacidade de comunicação no terreno, com as pessoas, comunicação directa no terreno, que desaproveitamos nesses

últimos anos, que temos que aproveitar, que foram o nosso ponto forte em 91, em 95 e que terão que ser o nosso ponto forte agora nas eleições de dois mil.

Somos um partido atractivo, para muitas pessoas, o MpD é referência não só para os seus militantes, para muitos cidadãos que não são militantes, mas que gostariam de o ser, me perguntam como fazer para ser militante do MpD, quadros que se revêm na nossa politica, empresários que se revêm na nossa politica e que muitas vezes nós rejeitamos por preconceitos ideológicos, que devemos de facto inserir, incluir e ter connosco porque são uma parte importante da sociedade.

Adequerimos nesse três anos alguns patrimónios, a sede onde estamos é nossa, possuímos um terreno que é nosso, possuímos mais um espaço comercial, que podemos aproveitar, são patrimónios que se foram bem geridos nos pode efectivamente melhorar a situação em termos de recursos, passamos a ter com o processo da organização da Convenção estruturas melhores organizadas, uma base de dados dos nossos militantes, estabelecidas e que nos permite trabalhar com muita mais segurança, muito mais cientificidade e com muito mais segurança.

Este balanço, que eu diria que tem aspectos positivos e negativos, podemos considerar globalmente negativo, balanço do partido, como tal, é da nossa responsabilidade. Primeiro, a responsabilidade é minha, como Presidente do MpD, é minha a responsabilidade politica, mas também é da responsabilidade nossa, pessoal de todos nós, púnhamos a mão na consciência e perguntemos se fizemos tudo, o que devíamos em relação ao nosso partido, se fizemos tudo o que devíamos ao nosso partido, se de facto nós correspondemos aquilo que o partido nos deu e deu a Cabo Verde, devemos por a mão na consciência disso, mas assumindo plenamente as nossas responsabilidades, eu assumo perfeitamente as minhas.

Quais são as perspectivas que nós temos? Não há nenhuma razão para desanimo, pelo contrário, temos razão para ter força, para ter coragem, para ter confiança. Nós temos todas as hipóteses de ganhar as eleições legislativas com a maioria absoluta, repito, as sondagens que nós fizemos em Abril e Maio deste ano nos dizem muitas coisas importantes, nos dão pistas, que não vou dizer porque a comunicação social está aqui e está e são coisas nossas, mas que nos dizem que se as eleições fossem hoje, nós estaríamos com 42% do eleitorado, que corresponderia a 42 deputados ou seja o mais do que a maioria absoluta dos nossos deputados, isso mesmo tendo em conta que em alguns concelhos a nossa performance está a baixo daquilo que desejaríamos, portanto temos efectivamente todas as possibilidades de fazer esse resultado, dependendo apenas de nós, as intenções de voto vão neste sentido, 42% para o MpD, 30% para o PAICV, penso que 4% para o PCD, 2% para o PTS, se se vier a constituir, 1% para a UCID, e 20% de indecisos, portanto quer dizer que a população continua com confiança em nós, está basicamente e globalmente satisfeita em grande maioria com o nosso desempenho enquanto Governo, portanto temos todas as possibilidades, mas é preciso que de facto haja uma efectivamente nova liderança, é preciso que haja um partido renovado, renovado nas caras que o representam, renovado nos métodos que utiliza, renovado nos discursos que faz, mais aberto à sociedade, máquina de comunicação, máquina de combate politico, máquina do terreno, é preciso que seja um partido com retaguarda experiente, e eu aqui digo e faço um apelo a todos aqueles que estão a dez anos nesse combate, que se disponibilizem para serem essa retaguarda, que é fundamental para um partido como MpD.

Um partido ideologicamente mais definido, já cumprimos a nossa missão histórica, agora somos um partido que tem o seu papel normal no aspecto partidário Cabo-verdiano, que deve Ter a sua marca, que deve ser ideologicamente mais definido, nós somos o partido do

humanismo, do homem no centro de tudo, somos o partido da liberdade, somos o partido da democracia, somos o partido da unidade nacional, mas da descentralização, somos o partido da participação social, somos o partido da economia do mercado, da iniciativa privada, do atracção do investimento externo, do desenvolvimento humano sustentado e sustentável, assumamos claramente! Esses principios que nos devem diferenciar dos outros, porque de facto os outros não são isso, os outros não são grande parte disso que nós somos.

Penso que também devemos ser um partido com mais disciplina, e mais solidariedade interna, o MpD deve ser uma família de certo ponto de vista, em que os seus membros se sintam mais próximos e mais solidários, deve ser um partido com estruturas mais flexíveis e eficazes, com relações externas mais amplas, mas também um partido com a gestão mais empresarial entre aspas, ou seja, que se preocupa mais com os seus recursos, nós não nos temos preocupados com os nossos recursos, temos preocupados

em trabalhar para Cabo Verde, temos que nos preocupar um pouco mais connosco mesmo, porque se não nos preocupamos connosco não poderemos dar á Cabo Verde, temos que analisar isso.

É isso, Senhores delegados, o que eu queria dizer, em termos de apresentação longa, mas desculpem, em dez anos não se apresenta num curto espaço de tempo, uma apresentação longa, do relatório geral, balanço da governação, da vida do partido nestes dez anos e mais precisamente nestes últimos três anos.

Muito obrigado.

(PALMAS DA ASSISTÊNCIA)

(Transcrição da gravada 3/ comecsa)